

favor de Deos, hum monstro da natureza? Ora acaba, triste mulher, & fecha já esses olhos, pois cõusa não ves em que acertes, palavra não dizes, que não mintas, & discurso não fazes, que não erres.

E vós, innocente Abel, que me dizeis? O amor dos pays para os filhos, já nolo declaráraõ vossos pays. Vós agora a nos explicar o fraternal estais obrigado. Fostes o primeiro irmão, que ouve no mundo, incumbevos da irmandade o compromisso. Mas que indulgencias, & que privilegios teraõ nelle os irmãos? He certo, que tudo he melhor, quando está fresco. E que se agora a irmandade he grande vinculo, já sédiça, quando com o sangue na gelra, q̄ seria? Isso mesmo. Lede o compromisso, q̄ com letras vermelhas em abono defa verdade deixo feito. O sangue, & a terra testemunhas, Deos o Juiz que volo intimará em minha ausencia. A y meu Santo, que isso não he o que eu dizia. O que Deos publicou, foi da irmandade hum sambenito, do sangue huã eterna afronta, & dos irmãos hum perpetuo opprobrio! Pois que outra cõusa esperavas, se como ves, começãõ os irmãos. Notavel desgraça! Grande lastima! Infeliz annuncio! Que seja contra a irmandade o primeiro compromisso? Que o primeiro brádo ao Ceo, da terra o clamor primeiro: fosse tudo entre irmãos? Triste sorte foi, mas merecida. Ora vejamos a causa, ouçamos já o pregam: *Vox sanguinis clamat ad me de terra.* A *Genes. 4.* voz do sangue de teu irmão me está bradando da terra. De *n. 10.* teu irmão: pois, Senhor, não basta, que fiscalizeis logo esta culpa, senãõ que se ha de apontar com esta clausula? O vinculo do parentesco, a força do sangue, a obrigaçãõ da irmandade, tudo ha de ser infamado, tudo logo em nascendo defuzido? Sim. Que he Deos Justo Juiz. E se o delito he infame, infame he o processo do delito. Já todos sabem a culpa. Reparem agora nas palavras, com que a processou o mesmo Deos, porque nellas se descobrem as aggravantes circunstancias deste caso, & a razam tambem do que buscamos. Criou Deos ao homem, & de terra vermelha o formou. Ou porque

esta se congutina melhor, ou porque nesta cor faz ostentaçãõ o barro da perfeiçãõ a que chega. Que já que humilde a materia, parece que escolheo a menos baixa. Estando pois já formada a estatua, postrada em terra a mesma terra, com o alento da boca do Altissimo recebeu espirito de vida, de razãõ, & ficou homem: *Et factus est homo in animam viventem.* Nesta criaçãõ, & fôrma della, descubrio Tertulliano o simbolo melhor da oraçãõ. Porque na criaçãõ ensinou o Criador, como deve orar a creatura, formandoa entre os materiaes da oraçãõ. *Quia oratio* (diz o subtil Africano) *à Christo constituta ex tribus est. Ex sermone, quo enuntiat. Ex spiritu, quo tantum potest. Ex ratione, quæ docetur.* Acordandose a terra que he terra. Isto he razãõ. Publicando a grandeza de Deos na maravilhosa criaçãõ de ambos mundos. Isto he voz. Pedindo sua conservaçãõ: & a perseverancia no culto, & no obsequio. Isto he oraçãõ: Se debuxa o que Deos obrou na criaçãõ. Logo se Adam formado, he da oraçãõ hũ simbolo, hum simbolo da oraçãõ, porque naõ ferá hũ Abel morto? Se a formaçãõ do homem se ordena a crar por beneficios, a desformaçãõ do homẽ porque naõ orará contra agravos, se na formaçãõ, & na desformaçãõ se achaõ para orar os proprios requisitos? Ha voz, & he voz de sangue. Se esta se articulara nas veas, naõ passára de ser voz. Mas derramada em terra, foi clamor: *Vox sanguinis clamat.* Porque nas veas he voz de Adam formado, que ora por beneficios: vertido porẽm na terra, saõ gritos de hũ innocente, que clama contra agravos: *Clamat.* Diz mais: que o clamor he da terra: Pois a terra já tem voz? Sim. Que aqui se aperfeiçou o geroglifico. Estã a vida no sangue, & tanto que o sangue deu na terra, deu he a vida. E vendose naõ só por ensanguentada, reduzida a seu principio: mas com huã estatua de barro, pois já naõ era o Abel, o que sustinha: ao tempo de receber seu espirito, confusa se achou com o campo Damasceno equivocada. Nestes embarços, & enleios lhe lembrou, que foi acto de oraçãõ aquelle acto, & vendose com vida, com razãõ, & com espirito:

rito: se poz a imitar o que imitava, dando clamores por vozes, brados por deprecações, porque da outra, era diversa a sua oração. A primeira foi de vozes, porque era de benefícios: *Ex sermone, quo enunciatur*. A segunda porém se faz a gritos, porque clama contra aggrayos. A primeira foi do agradecimento a razão: *Ex ratione, qua docetur*: mas a segunda he de huã grande treição o sentimento. A primeira foi de huã homem, que pouco espaço antes era terra: a segunda he da terra, que deixou naquelle instante de ser homem. *Vox clamat de terra*. Orou logo o sangue de Abel, como Deos ensinou que se orasse. Eraõ porém seus clamores contra quem o destruiu, como Deos edificava. E quem foi o atrevido? Hum irmão. Pois se o nomea a parte, como de apon-talo pôde escusarse o Juiz? *Vox sanguinis fratris tui*. Tam insolente foi a instituicão da irmandade, tam oppostos nascéraõ es Irmãos, que não soube atropelar menos respeitos, que não soube esquecer menos razeens! Estudou a fórmula do fazer, para desfazer o já formado, com a mesma lição que se formou: affinando a ingraticidãõ com tal excessõ, que nem a cor quiz deixar ao Irmão de obrigado. Por isso à triste avó restituio, a cor que ao pay, & este, ao irmão communicára. Com que, se significa Adam barro vermelho, barro vermelho já não significa Abel, porque a terra passou até a cor. E porque esta cor lhe fez o sangue, por isso com voz de sangue deu o brádo, por isso com tanto fervor clamou a terra: *Vox sanguinis de terra*.

Mas ainda não descobrimos a justificaçãõ maior deste processo. Era o Juiz do Ceo, governavase para ensinar os da terra, pelos autos. Se fora Juiz do mundo, talvez que affirmára ser estranho, o que os autos diziaõ ser parente; & tal vez que por não descobrir o irmão, cubrira os autos. Mas no juizo do Ceo, só os autos sentenceam. O merecimento delles, he a copia da sentença infalivel. E algum dia o veraõ, os que o não vem agora. Vamos aos autos de Caim, & nelles se verá a semrazaõ, que este processo fez

Genes. 4. arrezoado. Folhas tantas, diz o Texto: *Consurrexit Cain*
 n. 8. *adversus fratrem suum Abel, & interfecit eum.* Quer dizer:
 a seu irmão Abel, cruel deu morte Cain. Pois até neste
 acto foi irmão? Não bastava, que Cain matou a Abel? Por
 força se ha de dizer, que a seu irmão tirou a vida? *Adversus*
fratrem suum. Sim, diz Lacerda, porque o ser irmão foi ce-

Lacerd. ita maldade a maior causa: *Quasi eum non alio nomine no-*
 in Jud. *ceret, nisi fratris.* Tal foi o odio, tal a raiva de Cain, que
 pag. 173. não matou a Abel, porque era Abel, mas tiroulhe a vida
 n. 61. por irmão: *Consurrexit adversus fratrem.* Ah fim? E estes
 são os seus autos? Pois bons autos tem feito o mancebo.
 Elle atará as mãos ao Juiz, para que não dispense à irman-
 dade tal labéo. Se a irmandade delinquo: *Adversus*
fratrem: por aleivosa será pronunciada a irmandade: *Vox*
sanguinis fratris.

Esta foi do mundo a primeira irmandade, & da irman-
 dade primeira foi este o compromisso. E porque compro-
 missão, & irmandade me cheira a devoção sendo delito, por
 isso tal vez quem mais devoto, he já o peior irmão. A S. Ba-
 filio de Seleucia devem os devotos irmãos o pensamento.
 Diz assim o Santo fallando de Cain, que de todos estes foi
 o primeiro devoto: *Spectatoribus de caede lex extitit, & reli-*
 quit *posteris devotionis haeredes.* Mas se a má irmandade he
 devoção: Não sey certo, como cabem no mundo os devo-
 ros? Eu porém não me inclino a esta devoção. E será por-
 que toda me leva a amizade, em que nem ha Cains, nem
 compromissos: em que faltao aleivosos, & processos de
 aleivozias tambem faltao.

Para fazer huã pergunta peço agora licença. E que que-
 rerá dizer, entreterse com estes joguinhos, & bonecras, o
 mundo em piquenino? Nada mais, que avisarnos o que será
 quando maior esta criança? Vigiese com este aviso cada
 hum, se quer merecer louvores de avisado. Mas como não
 faltao tontos, sempre com quem jogar acha o mundo. E
 que à vista de tam anticipados defenganos, ainda haja quem

D. Basil.
 de Se-
 leuc.
 erat. 6.

se fie, nem dos proprios pays que os geráraõ, para os deixarem destruidos, nem dos congerados, que do ventre, principio da vida, parece trazem estudado o tirala? Caso grande he, se a pendente necessidade não offerecerá a desculpa. Digaõ pois, & não me matem, que o pay ama ao filho, em quantõ maior interesse o não chama. Digao o filho de Catalina, morto ás mãos do proprio pay pelo appetite de Aurelia. O filho quer ao pay tanto, como delle espera. Diga Abfalaõ, quando não esperou, que pertendia? O irmão faz ao outro cortezia, em quanto lhe vé dinheiro. Diga Joseph as muitas que teve quando rico, dos mesmos que o venderaõ, quando pobre. O parente adevinha o pensamento, em quanto lhe rende essa arte. Diga alguém nõ mundo, se he mentira? Finalmente he a vara do interesse quem absoluta apacenta este gadõ. E isto não he fallar, porque são mais os exemplos, das com que o escrevemos são as letras. Antes he tam ordinario, que ninguem se maravilha. E nasce de que õ tem todos por herança. Faltou esta vara entre os primeiros Pays, entre os Irmaõs primeiros. Assim porque não avia metaes, de que compõla, como porque as arvores, sem dependencia a todos sustentavaõ: & logo outra cousa se não achou, que precipicios. O freio, que agora fugeita as vontades, faltou nos primeiros homẽs: & he cousa de espanto, que nenhuã deu sem elle, em amorosa. Os pays vendéraõ os filhos, estes se matáraõ à vista dos mesmos pays, & em nada por mais que o busquei, pude entre elles descobrir este do sangue amor. Com que vim a resolverme, que se no principio se tratou o sangue desta sorte, hoje de nenhuã sorte se estima. No principio põrem, hoje, & sempre, se o sangue tem preço, de todas as sortes se recolhe. Ninguem pôde negar, que Christo foi parente dos Judéos. Vejaõ pois o que os Judéos usaõ com Christo. Ingrato inteiro, & meio arrependido leya Judas o dinheiro, porque vendeo a seu Mestre. Entraõ os Fariseos em escriptulo, & di-

Salust. ia
Cat.

2 Reg. 17. n. 2.

Genes. 45. &

37.

Ad Rom. 9. n. 5.

zem estas palavras: *Non licet eos mittere in Corbonam.* Olá,
 este dinheiro não se ajunte com o outro, dedique-se a seu em-
 prego mais especial cuidado. Pois porque? Porque he pre-
 ço de sangue: *Quia pretium sanguinis est.* Bem, & não
 estais derramando o mesmo sangue? A estas horas não vai
 Christo caminhando ao Calvario? Não importa, que isso he
 sangue, cá he preço. E vai tanta differença do preço ao san-
 gue, que ao mesmo tempo que se derrama o sangue, se faz
 muita cortezia ao preço: *Quia pretium.* Ouv: o Santo Agu-
 gust. Ho- stinho: *Si tollere non licet pretium, cur implere festinas homi-*
cidium? Pretium innocentis sanguinis in Corbonam non lice-
bat mittere, ipsam innocentem licebat occidere? Que o inno-
 cente padeça, que derrame todo o sangue, não he muito:
 porém o que custou, & o que valeu, isso he muito: *Quia*
pretium. Mas como Fariseos? Não he pecuniaria esta cau-
 sa? Pois se da venda que celebrastes, tornais a tomar o pre-
 ço, como a execução se segue? Se o preço he huã substitui-
 ção, ou representação da cousa que se vende, como com o
 Santo ficais, & com a esmola? Como o Santo crucificais, &
 a esmola recolheis? Não desmancha o contrato, não desfaz
 a venda, quem cobra outra vez o seu dinheiro? Vejaõ, Senho-
 res, a acçã não se pôde negar que foi de Fariseos, mas ne-
 nhuã no mundo mais seguida, nenhuã imitada mais. Foi ou-
 tro segundo peccado original. (E digo-o, porque ainda que
 se ache algũa mais antiga, foi, porque esta representou a
 mais moderna.) Foi enfim a que introduzio differença en-
 tre o sangue, & o preço do mesmo sangue, que tão praticada
 está em todo o mundo. Reparaí, Senhor, que fulano he vosso
 sangue, & padece: deixaiõ morrer, que he hum perdido, &
 a casta perdeu com a fazenda. Ao menos adverti, não se per-
 caõ quatro trapos, q̄ lhe tocaõ. Perder? Boa graça. Isso não.
Non licet. Pois porq̄ tanto cuidado com o preço, quando tan-
 to descuido com o sangue? *Quia pretium.* E se não entendeis
 Latino, ouquio em Portuguez. Porque o preço val, & não val
 nada o sangue,

Mas dirão: Não pôde em todos ser infalivel esta regra. Eu não sey. Sey sim que todos descendem de Adam, que ensinou aos filhos antepor o seu appetite a seu remedio. E sey mais, que os pays fazem os filhos duas vezes. A primeira, quando os gerao; & quando os ensinão a segunda; & que se na primeira nascem como elles, como elles estimão o sangue na segunda; porque cada hum se compoem do que he formado. E ainda se pôde advertir, que he mui raro o filho, que para na semelhança, muitos os que passão a peiores. Se assim fora na virtude: com a pressa que o mundo se arruiña, melhorára: *Pauci filij similes patri sunt: plures, peiores.* *Homér. Lib. 2. Odiss.* Daqui vemos que o mau exemplo de Adam, foi a razão toda de Caim. Gerou o homem, & ensinou-o a bruto, & tudo tomou taõ bem, que sahio monstro. Isto he o que vimos. E logo tambem veremos, que não chegou nenhum a ser Caim, se lhe não dá mau exemplo algum Adam. Com que se me não engano, he para todos a regra infalivel. Sey finalmente que tudo isto he agora, foi sempre, & sempre será. E ainda sey, que he tam certo, que não he necessario mau exemplo. Huã sombra de peccado nos pays, he sem nenhuã sombra peccado em os filhos. Que serão peccados claros, escandalos manifestos que serão? Ora deixemos a mostra, & revolvamos a peça. Eu hei de medir esta força do parentesco, & do sangue, & de caminho se explicará esta doutrina.

Quem me vir empenhado em mostrar o pouco que o sangue por sangue pode nunca: estará dizendo consigo, agora se entra este por casa de quantos malfeitoses tem o mundo. Porque para tam grande novidade só nellas achará provas. Mas está tam enganado, que daqui lhe dou palavra de não visitar senão as casas santas, & não só santas, mas reconhecidas, & apontadas por raes na Santa Escritura. Tive sempre para mim, que a maldade nos conhecidos por maos não faz exemplo. Nem que trabalho seria descubrir nos maos, peccados? Achára este assumpto as labonaçoens a

mon-

Judic. 9. n. 5. montes, se me quizera deter por estes valles. Quem não conhece o mundo, vendo hum Abimelech degolar setenta irmaões sobre huã pedra, setenta vezes mais branda que o tiranno? Quem se não enfastiará da natureza, contem-

4 Reg. 11. n. 1.

plando que pode a ambição em Athalia matar filhos, & netos por reynar? Em se desenfreado a mulher, a tanto chega! Não, não. Nada disso buscaremos. Assim porque achar agua no mar não he espanto, como porque ingenuamente confesso, que nunca me escandalizei dos semelhantes.

Luc. 1. n. 35.

Casa santa foi a de Jacob, & tam santa, que nella se simboliza o Reyno Santissimo de Christo: *Et regnabit in domo Jacob.* Vejamos que passa nesta casa. Que se nella, & nas mais entrou Adam, mais, ou menos, nós acharemos Cains. Nesta em particular descubriremos he peccado sem sombras nos filhos, o que nos pays he sombra de peccado. O mesmo vem a ser que achar nella a Caim, sem o máo exemplo de Adam. Que no mundo he raro, he prodigio.

Genes. 37. n. 20.

n. 27.

n. 28.

Notável crime, & desmarchada maldade contra seu irmaõ Joseph, commetterão os filhos de Jacob. Aqui hum conselho para lhe darem a morte: *Venite, occidamus eum.* Logo huã junta para o venderem por escravo: *Melius est, ut venundetur.* Quando enfim se livrou de suas mãos, se deu por bem despachado em ser vendido. Pobre Joseph, que fizeste? Nenhuma cousa lhe fiz. E isso he barro? Pode aver culpa maior, que não prestares? Ora para que prestes, tu sahirás para fóra, porque es sangue, & entrarão os vinte dinheiros para dentro, porque he preço: *Et vendiderunt eum viginti argenteis.* O sangue do filho de Jacob vá cativo do filho da escrava. Mas o preço de hum filho de tam grande Patriarcha fique em todo caso livre. Entregue-se Joseph aos filhos de Ismael, que isso pouco importa; mas o preço de Joseph fique com os filhõs de Jacob, porque
nisso

nisso está toda a importância. A casa santa era, não ha duvida. Neste dia porém, valeu nella meos o irmão, mais o dinheiro. Porq̃ o irmão era sangue, mas era o dinheiro preço: *Quia pretium*. Ora eu não repáro na resolução de tanto crime, nem tam pouco nos conselhos, que fizerão, & acordos que tomãrão. Sendo que agrava mais, peccar com acordo, & com conselho. O que muito me admira, he ver a brevidade, com q̃ para enganar o pay, achárao preparada a desculpa. Reparem no Texto: *Vendiderunt: &c. Tulerunt autem tunicam ejus, & in sanguine hædi, quem occiderant: &c.* Vendêrão o irmão, & tomaraõ a sua tunica, & a banharam no sangue de hum cabrito, que já alli estava morto. Pois como he isto? Para a morte conselhos? Para a venda pareceres? E só para este engano, já se acha tudo feito? Já tudo está preparado? Já o cabrito está morto? Já a tunica banhada? Sim. Porque esta venda, & esta morte eraõ proprias acçoens, & por isso necessitavaõ de estudo; mas o caso do cabrito nam necessitava de estudado, porque era em casa de muito tempo aprendido. Lembrãrãõse de nam sey que, que ao pay succedera com hum cabrito. Como caçando Esaú, o Morgado lhe caçou com hum cabrito Jacob. Como usou suas pelles, para que as mãos de Jacob, mãos parecessem de Esaú. Ah sim? Pois ainda que o caso fosse em Jacob mysterio, bastou a sombra da culpa, para sem sombra nenhuma passar aos filhos, peccado. Se Jacob parece que enganou com hum cabrito, nam parece, mas he na verdade por meio de hum cabrito enganado. Esta he a força do exemplo de hum pay para seus filhos. E he este o amor com que se trataõ irmãos, ainda nas casas santas, que ferã pelo bairro là das peccadoras? Mas tenho prometido passar de largo por ellas.

Mudemos as balanças. Vejamos de outro modo. Temos visto o que he hũ Caím para Abel. O que os filhos de Jacob para Ioseph. O q̃ por remate he para hũ irmão outro irmão.

Vejam os agora, se se tem mais respeito às irmãs ; porque sobre esse amor, sobre esse sangue, o require assim a cortezia. Mas busquemos primeiro casa santa. Tam santa foi a casa de David : que da delicia dos Santos Sam Ioseph se disse por excellencia pertencia à casa de David : *De domo David*. Isto balta, & sobeja, fóra de mil testemunhas, para ser a santidade desta casa manifesta. Nella mostraremos o que obra nos filhos não a sombra dos peccados, mas os peccados sem sombra.

Quem poderá relatar o que nesta santa casa succedéo ? Aqui não só se saltou ao amor. Não só foi o sangue atropelado, matandose huns aos outros, os irmãos, Salamão a Adonias, & a Amon Absalão : mas nem a força do sangue, nem a gravidade de infanta, nem a cortezia de mulher, pode valer a Thamar contra a grosseria de hum irmão. Foi em fim não só torpemente violada, mas desprezivelmente abatida. Casou verdadeiramente espantoso ! E que a não referillo a Escritura Sagrada, parecera impossivel, não só pelo delicto exécravel, mas pelas circumstancias inauditas. Tam abominavel foi, tam indigno de gente honrada, irmãos, & infantes : que se faz horroroso à lembrança, que será a referillo ? Mas em huma circumstancia, que faz ao nosso assumpto, não posso deixar de reparar : *Cuba mecum, soror mea*. Vindé cá minha irmã. Pois irmã a estas horas ? Turbada responde a triste : *Noli, frater mi : &c*. Desisti de tal excesso, meu irmão. Pois irmão a este tempo ? Irmão no mayor agravo ? Irmão na mayor afronta ? He possível, que em occasiões tam vergonhosas se ha de ouvira irmandade ? *Soror, frater* ? Não tinhão nomes ? Pois sequer não usarão delles em conjuntura tam alheia de irmãos ? Para que, diz Lacerda, se estes agigantados delitos, se estes horriveis monstros, só o sangue os sabe cometer, só o sangue os sabe produzir : *Propria nomina subtrahuntur utriusque, ut non nisi sanguinis putaretur delictum*. Oh nescio, ô toco, ô mal advertido homem !

Luc. 1. n.
27.

3. Reg. 2.

n. 25.

2. Reg. 13

n. 29.

2. Reg. 13

n. 12.

Lacerda.

in Ind.

pag. 150.

n. 29.

Se a mayor afronta lhe ordenas, não lhe lembres ao menos, que he irmaã! Mas pois que te serve de motivo, o que devia ser teu defengano, teu defengano será esse motivo. O que toco compuzeste caricia para a culpa; cutello cortez será para o castigo. Não succedéo assim? Oução o Texto: Sahio a pobre Senhora do lamentavel naufragio, dando vozes; & encontrou seu irmão uterino Absalam, que logo entendéo o caso, & com a mesma presteza lhe destinou a vingança, que depois pontual executou. Mas por entreter a irmaã lhe diz assim: *Sed nunc, soror, tace, frater tuus est.* Irmaã por agora cala, pois sabes que he teu irmão. Não repãrão já em tanta irmandade tanto irmão? Pois advirtão, que aqui parece misterio, o mesmo que lá foi atrevimento, para que pelos mesmos termos da culpa se disponha o castigo. Na culpa disse Amon: *Soror.* E respondeulhe Thamar: *Frater.* Na vingança diz Absalam: *Tace, soror, frater est.* Irmão, & irmaã forão os termos do delito; & irmaã, & irmão são clausulas da sentença. Que algum dia havia chegar ao sangue, em que pelos mesmos termos se defafrontasse de agravos. Algum hora seria açoite do atrevido, o sangue que o fez tam insolente. E porque não falte circumstancia: se tambem tomou por instrumento a comida, em hum banquete pereça. Para que se defengane o sangue temerario, q se ha irmãos, que sabem calar afrontas, irmãos ha tambem, que tirem vidas. E que se ha disfarces para a culpa, tãbem ha estratãgemas para a morte. Se se acha hum Amon, que sabe enganar seu pay, para macular seu sangue; não falta hũ Absalam, que ao mesmo pay engane, para o sangue com a morte do aleivoso alimpar.

2.Reg.13
n.20.2.Reg.13
n.6.
1bi n.27.

Mas ah Santo David, & que he isto? He possivel, que em vossa real, & santa casa succedem taes defaforos? Huma filha sem honra, hum Primogenito sem vida: que he isto? Mas que seria, se fosse causa o mesmo David destes desmãchos? Pois não tem nenhuma duvida, que o mao exẽplo,

que lhes deu, foi origem dos desgostos, que lhe dão. Foi retrato do que vé; & do que então semeou, he a colheita.

2. Reg. 11
n. 4. n. 16.

Peccou David de lascivo, peccou David de cruel. De lascivo com Bethsabe; & de cruel com Urias: pois se agora se acha com hum filho tam lascivo, que a hum a irmã não tem respeito, & com outro tam cruel, que não só mata ao irmão, mas o pay lhe escapa por milagre: De que se queixa David? Não he este o fruto, que do mau exemplo dos pays colhem os filhos? Não he esta a doutrina, que não só faceis aprendem, mas a que, circumstancia não perdeão? E se alguma esquece, he só não imitálos na emenda? Pois que tem David que dizer? David, que tem que queixarse? Se cruel foi, crueis serám; se lascivo foi, lascivos acha. E só não achará, que sabendose elle arrepender; dos seus filhos, nenhum se foubem emendar. Souberão herdar os vicios, mas nenhum succedêo na penitencia. Desengano que muy claro adverte aos pays, do exemplo que devem aos filhos: porque huma vez mal ensinados, toda a santidade de David não basta a convertelos.

Ora não passemos por cousa tam notavel tam depressa. Peccador foi David. David foi santo; mas parece que foi santo como Rey, & peccador como homem. Assim devia de ser, porque forão partiveis os peccados, & não se dividirão as virtudes. Forão partiveis os peccados, porque coube a Absalam o peccado de Urias, & foi a sua herança crueldade; o de Bethsabe herdou Amon, & sahio torpe. Pois porque não herdarão as virtudes? Porque são bens proprios da coroa. E os bens da coroa não se repartem a muitos, hum os herda. Por isso só Salamão, que só herdou a coroa, pio edifica templos; & exemplar té no templo oração. Porque hum Principe herdeiro, só deve herdar virtudes, não desmanchos. Além de que a frequencia da oração, & a grandeza no culto, he a herança mais propria, & mais rica de hũ Principe. Deixou este caminho Salamão, & logo a heran-

ça acabou. A parte não fô mayor, mas melhor da mesma coroa se perdeu. Não foi muito, porque em lugar dos acertos, que lhe negociava a oração, cahio no mayor peccado, de que não foubirão desviarão os conselhos. E porque não poderão os conselhos, quando sem conselhos nada executa hũ Rey? Porque os conselhos sem Deos, fô são enganos. Ah Monarcas, & Reys do mundo! Que temeridade he governar homens, sem se consultar a Deos? Hum Rey sem oração, he Rey sem luz. E hum Rey cego, he tudo precipicios. Não ha estado, que não tenha exemplar. O dos Reys foi Salamão. Nenhum tam acertado, muy raros serão tam ricos, poucos, ou nenhuns tam prosperos, & ninguém será tao sabio. Mas tudo em quanto tratou com Deos, em quanto com Deos gastou. Deixou a Deos, buscou homens, teve muy grandes conselhos: a mesma Escritura em alguma occasião parece quer abonállos. Vemos comtudo, que de exemplar de ditas, em brevissimo tempo foi exemplar de misérias. Se El Rey nam trata a Deos, nem busca para se aconselhar homens de Deos: Por onde o acerto ha de vir? Por onde o favor de Deos ha de chegar? Hoje para conselheiro nam he defeito a vida; a foltura para Secretário, he circumstancia: mas para o favor de Deos he tudo impedimento. Não serão poucas vezes as que falte, por não passar ao Rey no por taes canos. Sendo aqui a mayor lastima, ver tudo do Ceo tam esquecido, que rara vez a estas causas se atribue o desacerto. E se temos fé, são estas essencias, & accessórias as outras. Mas nam passemos avante; porque estas materias de Estado, dizem que a meu estado nam pertencem; & que só sabe entendelas, quem sabe desbaratalas. Tornemos a Salamão. Este só na casa de seus pays herdou virtudes. Mas todas depois perdeu. Emfim, filho de David, nos quaes parece foi maldição, que sabendo herdar vicios, nenhum apredeu virtudes. Seja pois David exemplar para os pays. E reparem com cuidado, que lhe não valeu ser Santo, tendo sido

3. Reg. 12.
n. 8.

escandaloso : para que os filhos abraçando o vicioso , quizessem imitálo no heroico. Trabalhem quanto puderem , para que nam vejam os filhos suas faltas, que assim faceis decoram ; & só reconheçam bons exemplos, que ou, ainda que tarde, executem , ou deixem os pays desculpados. Lembremse , que os mais dos homens tem o genio dos filhos de David : tam faceis para o mal, como tardos para o bem.

D. Hier.
Epist. 1.
ad Lat.

Proclivis est enim malorum aemulatio , & quorum virtutes assequi nequeas, citò imitaris vitia: chorava o Doutor Maximo; & todo o mundo o chora.

Temos visto o que hum irmão he atè para hũa irmã. Vejamos agora, se da irmã para o irmão he esse fangue mais vivo, ou este amor mais forte. Leva ella meio partido vècido na piedade do sexo, & na brandura natural de ser mulher. Se a isto se junta o ser irmã, não ha duvida que faz difficuloso o assumpto. E se a tudo se chega, a obrigaçam de o mostrar em casa santa, quem vislumbres lhe nam vé de impossivel? Impossiveis porèm nunca se viraõ no mundo. E com este conhecimento, já tenho escolhido casa. Santa era Martha, & santa a sua casa. Martha era Santa, porque era Santa Martha, & a sua casa era santa, porque do Filho de Deos era hospicio. De Martha fallou o Evangelista, & de Christo, quando disse: *Mulier quaedam Martha nomine excepit illum in domum suam.* Que Martha recebia em sua casa a Iesu Christo, Pòde haver casa mais santa, que a que o Santo dos Santos santifica? E pòde haver mulher mais piedosa, que a que a Deos em sua casa agazalha? Pois em meio de tanta santidade, se acabará de conhecer o fado, com que nasceraõ os irmãos. Qual seja a força do fangue. E quanto pegou no mundo o malvado exemplo de Caim.

Luc. 10.
238.

Chegou nosso Redemptor a esta casa, para dar vida a Lazaro, que era morto, & de quatro dias enterrado. Caminha ao sepulchro, & ao mandar tirar a campa, sahe com embargos Martha. Senhor, diz, reparay em que esse corpo já fede,

fede,

fede, porque quatro dias ha já o sepultámos. Advertam no
 Texto: *Dixit ei Martha soror ejus, qui mortuus fuerat: Do-* Io. 11. 11.
mine, iam fœtet; quatríduanus est enim: disse Martha, que era n. 39.
 irmaã do morto: Senhor: &c. Ora eu não reparo no repá-
 ro que fez Martha: porque bem sey ha irmaãs, que com to-
 da sua piedade por não sofrer hum máo cheir, não querem
 hum irmaõ resuscitado. No que a meu ver, fazem ao tal ir-
 maõ duas offensas. A primeira, impedirhe a vida, quando
 menos: & a segunda, fazello fedorento, quando nada. Por-
 que suppoem fedor certo: quando nos corpos santos, qual
 o de Lazaro era, não só he contingente, mas a experiencia
 diz, que he falso. Em nada disto, como já disse, reparo. O
 que me admira, he a mysteriosa advertencia, com que nos
 declara Sam Ioaõ, era irmaã do defunto, a que fez o tal re-
 páro: *Soror ejus qui mortuus fuerat!* Pois, dizei, Aguia de
 engenhos, & de repáros: Não dissestes ainda agora era
 Martha irmaã do morto? Não escrevestes, que ao entrar
 Christo em casa, Martha disse: *Domine, si fuisses hic, frater* IN. 21.
meus non fuisset mortuus? Senhor, se aqui estiveis, meu
 irmaõ não fora morto. Pois se Martha diz, que he irmaã, &
 vòs, que ella o disse, contais: a repetição do que todos sabê,
 de que serve? Para que descubras terra nesta terra. Para que
 o mundo conheças neste mudo. Finha já perdido Lazaro os
 cheiros de suas ditas. Eraõ já acabadas suas glórias. E em
 tal caso: primeiro foi asco aos seus, que aos estranhos. Por-
 que ainda aos estranhos nam fedia, quando os seus de fedo-
 rento o tratão. E reparem, que a boa irmaã nam disse, fede-
 rà, senão que com effeito, antes de se levantar a campa, lhe
 fedia: *Iam fœtet.* Pois dize, irmaã: Ainda os mais narizes
 se nam queixaõ, & já o teu se molesta? Dize mais. E nam
 era melhor que depois de penalidade tam piquena, teu ir-
 maõ resuscitasse, do que ficar para sempre cadáver em hum
 sepulchro? Não. Nada disto a deteve. Tudo quanto po-
 deria vir a ser hum irmaõ resuscitado, era pouço. O desgosto
 stinho

finho presente que temeu, avaliou só por muito. Ah mundo! Ah tyrannia! Pois para que huma vez te defenganes, parece diz Sam João, por isso te torno a repetir, que a que fez o reparo, era irmã do defunto. A que antepoz conveniencia tam piquena a obrigação tam grande, era desse defunto a irmã: *Martha soror ejus qui mortuus fuerat*. E se isto fazem Marthas Santas, as que não são Santas Marthas, que farão?

Tem respondido o mundo o que sente. E nenhum sentimento tem deste sentir. Circunstancia com que de todo agrava seu injusto proceder. Diga agora cada hum o que quizer, que em quanto lá se resolvem, eu pergunto: E haverá mais, ó mundo infiel, ó mundo injusto, quem em cousa tua faça confiança? Haverá quem em ti, ó confusa Universalidade de enganos, se possa fiar, nem dos mesmos pays, nem de irmãos, nem de irmãs? Se tiver juizo não. Pois se de tanta obrigação se ha de fugir: De quem se ha de fiar hū pobre homem, que he força se fie, & se confie de alguém? Está claro: do amigo. Porque o amigo como he tudo, val por todos. Mais que pay, que irmão, & que irmã, faz, & he sempre o amigo. He mais que pay: porque pay, & filho somados, fazem dous; dous amigos porèm nam fazem forma, porque da unidade se não passa. *Amicus alter ego*: disse Cicero. E Aristoteles: *Amicus alius ipse*. E de outro eu, & de outro eu, *Ipsè ego*, he a summa, mas não soma. O pay tem huma vontade, o filho de ordinario nam só diversa a tem, mas encontrada. Nos amigos como nam ha divisão: *Idem velle, & idem nolle*: faz de dous hum só querer. O pay he muitas vezes a ruina de seus filhos. O amigo he sempre do seu amigo protecção: *Amicus fidelis protectio sortis*. Os pays só tratao dos corpos de seus filhos, & oxalá nam sejam perdição de suas Almas. O amigo da Alma, & do corpo, he medicina: *Amicus fidelis medicamentum vitæ, & immortalitatis*. Entre o pay, & filho só obra a natureza. Entre dous amigos

Tul. de
amicis.
Philosoph.
8. Ethic.

Tul. de
amicis.

Eccles. 6.
n. 14.

Eccles. 6.
n. 16.

amigos anda a Graça: *Qui metuunt Dominum, invenient ami- Eccles. 10*
cum. O amor entre o pay, & o filho, he natural, mas falliye el: *sup.*
 o que governa a verdadeira amizade, he sobrenatural, & sem
 fallencia. Porque a natureza às vezes defacerta, & a graça
 não tem erros: *Qui timet Deum, & que habebit amicitiam bo- Eccles. 6,*
nam: quoniam secundum illum, erit amicus illius. O pay final- *n. 17.*
 mente, dizê q val por cem filhos; mas por hum amigo não
 chega a valer. Que valha o pay para tanto, não o nego. Mas
 digo que val o amigo para mais. Porque se o valor do pay
 he de cem filhos, hum exercito he do amigo o valor.

Quando Abimelech buscou ao Patriarcha Isaac para
 entre elles se contrahir amizade: diz a Glossa, queria intro-
 duzila por força, se Isaac a não recebesse voluntario. Pois a
 hum poderoso pôde fazer violencia hum só homem? Sim,
 que não vay só. Oução o Texto: *Ad Isaac cum venisset Genes. 26*
Abimelech, & Ochozath amicus illius. Levava Abimelech em *n. 26.*
 sua companhia hum amigo. Aqui a Glossa: *Ut per amicum*
suum offerret amorem, quem si nolisset, incutere possit timorem. *Gloss. ibi.*
 Como dizendo: Se Isaac não quizer por bem, por bem, ou
 por mal o fará meu amigo querer. Para mim porém agora
 cresce a duvida. Pois se Isaac tem tantos servos, se tantos
 criados tinha a casa de seu pay, que em batalha vencéo a
 muitos Reys, & tudo herdou Isaac: Como com hum homê
 o espantão? E basta hum homem só a pôrhe medo? Ho-
 mem só era, he verdade, mas era amigo: *Et Ochozath ami-*
cus illius. E dessa forte (diz Sam Ieronymo) valia por huã
 grande multidão esse foccorro: *Pro Ochozath in Hebræo ha-* *D. Hier*
betur collegium amicorum. E se Ochozath por amigo he hũ *ibi.*
 exercito, nem a casa de Isaac pôde fazer resistencia, nem
 a valia de hum pay, ainda que multiplicada, competir-
 lhe.

Pois se isto comparado com hum pay, he hum amigo:
 hum amigo que serà, se o compararmos com irmaós? Ref-
 pondo em duas palavras. Que a comparação tinha lugar, a

fer de irmaos com inimigos, pois que lhes não falta mais, q̃ a ultima calcinação para synonimos. Faça a questão quem da inimizade escrever. Porque o nosso assumpto, não só he diferente, mas contrario.

Tornemos ao pay. Porque este he o ponto, que nesta materia parece escabrozo. Se este se assentar, he impertinencia buscar outro. Gera o pay ao filho. Aqui se acabão as merces. Que muitos não fazem mais. E que alguns fazem menos, dizem muitos. He verdade, que este beneficio he a fonte, & principio de todos; porque tudo deu, quem deu o fer. Mas he de reparar, que se deu fer ao filho, com fer se fica o pay. Se com pensão da vida se geràra, que poucos filhos, & que poucos pays tivera o mundo? E està o mundo cheio de exemplos, em que amigos davão o seu fer, por em seu fer conservarem os amigos. Pílas porfiava, & porfiava de véras, era seu nome Orestes. Porque a Orestes queria El-Rey tirar a vida. Ficias estava à morte condenado. E pediu dous mezes para fazer huma ausencia, se com a mesma pensão outro deixasse no carcere. (Que proposta para posta em Lisboa na Era de 1684.!) Era Damon seu amigo, logo com a condição se entregou prezo. Querem crer huã verdade? Se fora seu pay, haviamos de ver quatro, ou cinco replicas no caso. Todos se admirarão, & muitos tambem se rirão. Porque a admiração do que não hey de obrar, he muito certa; & certissimo o riso do que eu não sey fazer:

*Tul. de
Latio.*

*Val. Max.
lib. 4.*

*Tul. in
quaest. Tus
cul.*

Omnes primo isto insultu, sunt in admirationem versi, quamquam derideretur à plurimis. Mas como Ficias tornante, para livrar o amigo, & morrer: logo tudo forão pasmos. Que assim pasma o mundo de ver huma verdadeira amizade, quando de não ver todos amigos, devia andar pasmado. Pasmou tambem o tyranno. E foi o pasmado unico, que se le fez cousa boa. Perdoou a hum, pediu a ambos, que entre seus amigos o contassem. E nam lemos pedisse a nenhũ pay, que na conta o metesse com seus filhos: *Rogavit se tertium in societate recipi.*

*Tul. in 3.
de offic.*

Ou-

Outros illustres exemplos acreditarão o mundo de honrado, & deraõ grande esplendor ao trato dos humanos. Triste hoje do mundo, se ao passo do proceder se mede a honra! Porque honra com enganoso, serà trato, mas he muito deshonorado proceder. Quem for curioso, lea Valerio Maximo. E depois corra o mundo; que ainda que acabado, assim como produz ainda diamantes, assim aqui, ou alli não faltaõ alguns Brutos, & Terencios. Bem que para os que constituem em dous risinhos, & quatro treçoenszinhas de menor a amizade: Terencio serà tericia, que he a cor do traidor; & Bruto, serà hum animal, como os que só sabem rir, o seràm sempre.

A outra obrigaçam grande que ao pay deve o filho [queira Deos nam chegue a ser a mayor queixa] he juntar fazenda para elle. Na pratica do mundo, grande he. Mas he tambem de advertir, que só entaõ lha entrega, quando a nam pòde lograr. Larga o pay o Morgado quando acaba; o Condado deixa o Conde quando morre. E quando lhe falta a vida, manda El Rey a Coroa. Antes disso: com huns pobres alimentos, às vezes bem pleitiados, se contenta qualquer filho, & se dá por satisfeito o melhor pay. Não me cançarei em mostrar o contrario nos amigos, quando tantos como amigos se achaõ, & se sabem os exemplos. He em fim a primeira liçã da amizade: *Amicus non est, qui particeps non est fortune.* Com tanto que se nam leve estudada a liçã; porque essa amizade nam he fixa, he muito brandinha, & muito delicada amizade: *Delicata est amicitia, quæ amicorum felicitatem, & divitias sequitur.* Hoje porèm se achaõ lindas memorias!

Em lugar dos exemplos com que o mundo tem qualificado esta verdade: coroe tudo, & todos, huma coroadã amizade. Era Ionathas herdeiro Princepe de hum opulento Reyno, David era hum pobre Pastor, & seu vassallo. Mas eraõ finos amigos. E por isso grandes entre elles as finezas.

*Valer.**Max. lib.**6. c. 5. &**in alijs.**Philos.**Græc. de**paup. &**divit.**D. Hier.**super**Mich.*

Nam era piquena em Ionathas a da mesma amizade, porque a conservava com risco da Coroa, & da vida. Tanto era o que Saul seu pay aborrecia a David: que àquelle odio nam podenunca chegar o amor do filho. Deu disse bastantes provas.

1. Reg. 20
n. 30.

É he prova muy bastante, que quem val menos que hum odio, muito cabedal lhe falta para valer a Coroa, todo, para se lhe dar a vida. Ao contrario Ionathas, para satisfazer com sua amizade, nada o satisfazia. Depois emfim que com galhardo valor, & constancia singular se oppoz tantas vezes a seu pay: parte em busca do amigo, & com grande efficacia lhe propoem certo intento, deste modo: Adverte David, que estes defasossegos de meu pay, esta ancia de bufcarte, ancia de morte parece. Seja porêm o que for, eu te venho a dizer, que em saltando meu pay, tu has de ser seu herdeiro. Tu David seràs o Rey, & eu depois de ti ferei segundo: *Tu eris Rex, ego autem secundus post te.* Que dizes,

1. Reg. 23.
n. 17.

Principe Ionathas? Consideras quem es? Vés com quem fallas? Tudo sey, tudo conheço. É por essa mesma razão sey estimar a David, que por amigo he tudo. Elle será o Rey, eu o segundo. E tambem fora o ultimo, se entre nos, so amor outros pudérão entrar. Grande primor de amizade! He possível, que o sceptro se dé a hum vassallo? He crível, q̃o lugar do subdito escolha o soberano? Seria falta de partes? Nenhum Principe conhece essa falta: & erão as prendas de Ionathas tam heroicas, que com os Soldados ninguem tinha melhor graça, ninguem mais favor nos Povos. Era de alentos tam bizarros, que com hum criado só poz hum inteiro exercito em vergonhosa fugida. Tão perfeito em tudo foi, que tudo chegou a ser com perfeicam, sendo amigo. E que sendo em tudo tam luzido, a Coroa entregue a hum vassallo, & de vassallo o não espante a esphera?

1. Reg. 14.
n. 16.

D. Aelr.
in suo
Specul.
charit.
lib. 3. c. 19.

Oh Varaõ digno de eternos creditos, & de acreditados louvores capacissimo! exclama S. Aelredo: *O Virum summis laudibus efferendum! Si dixisset, ego ero Rex, tu autem eris secundus*

cundus post me, nec legem amicitiae, nec amici gratiam violaret.
 Se differa: quando eu for Rey, serás a segunda pessoa de meu Reyno, nem a seu amor, nem a seu amigo, em nada do que devia, lhe faltava. Mas tu serás Senhor, eu ferey subdito: tu amo, eu criado: tu grande, eu piqueno: tu Rey, & eu vassallo: acção propria foi, & singular de amigo verdadeiro. Fazemno assim os pays? De muito má vontade quando morrem. Se ouve alguns, que soberão defengar-se das inconstancias do mundo, para que quatro dias antes da morte o fizessem: diversos respeitos os movêrão, não os filhos. E tal vez, que ainda que nas Escrituras sejaõ todo o respeito nos motivos, nam fossem nem respeitados. E farám isto os irmaõs? Perdoem, que foi descuido. Só este bizarro Heroe, só este fiel amigo, sabe desprezar coroas, sabe aos pès da amizade pôr os sceptros! A vista pois de tam honradas finezas, na consideraçam de tam fina amizade: que muito diga o Texto, amava Ionathas a David como a sua Alma. *Diligebat eum quasi animam suam.* E se como a sua Alma lhe queria, mais que a Coroa, & que a propria vida o amava; porque mais que a vida, & que todas as Coroas he a Alma.
 Atéqui pode chegar a amizade de hum Príncipe. Circunstancia tambem que a faz mais admiravel, pela izençaõ (ignorancia pôde ser) com que os soberanos a praticam. Quem sabe se he a causa porque se escolheo exemplar deste estado? Mas se lhe não vemos fruto, a escolha foi só trabalho. Isto he o que fez Ionathas. E David que não era menos generoso, que faria? Que pôde obrar hum Pastor (diria aquí hum Príncipe) à vista das soberanas grandezas cõ que o poder real o tem cativo? Se quanto possue o Senhor offerece ao vassallo, o vassallo que possue para offerrecer a seu Senhor? Em tudo vivem os Reys enganados. Nesta materia pôrem he o seu engano sem medida. Quando acabaram de defengar-se os Monarcas, que pôde fazer o caso,

1. Reg. 18
n. 3.

& a fortuna, Pastor este, aquelle Rey : mas que nam passa da carne essa desigual repartição. Os animos, entendam, nem a casos, nem a fortunas se fugeitão; porque são de diversa repartição os seus poderes. He repartição do mar, o inconstante movimêto da fortuna. Repartição he do Reyno, porque he o Reyno terra firme, as bizarrias do animo. Repartemse com inconstancia os sceptros. Os animos có firmeza se repartem. Daqui deve nascer, que ouve Reys com espiritos de Pastor, & nam foraõ os peiores. Pastores com animos reaes, & nam he muito grande maravilha; porque são livres os animos. Vejamolo já no Pastorzinho David, tam cativo da liberal grandeza de hum Príncipe. Que faria neste caso o seu animo? Digao tambem o Texto: *Fleuerunt pariter, sed David amplius.* Não podia andar em feço tanto amor. Aquelles incendios de verdadeira afeição agua pedião. Ambos lhe applicaraõ o alivio, ambos lagrimas derramãõ. Chorou o Pastor, chorou o Príncipe. Mas mais que o Príncipe, verteu lagrimas o Pastor. Pois porque chora mais que Jonathas David? Porque ainda que he menos em huma repartição, na outra parece que he mais. Se no dar bens da fortuna, he inferior David a Ionathas, nos desempenhos do animo, Ionathas inferior he a David: *Sed David amplius.* Se he Ionathas amigo de David, David mais amigo he de Ionathas. Aquelle bizarro animo, q̄ tigres despedaçava, & leoens; aquelle valor luzido, que gigantes atropellava na infancia, nam pode fazer mais que verter lagrimas. Mas tambem chorou o Príncipe, & não era menos valeroso? Bem. Pois se os animos são livres, & nam ha Reys, nem Pastores no seu Reyno: quem mais deu das suas prendas, mais mostrou ao mundo que amava. *Sed David amplius.*

Mas passemos às datas da fortuna. Vamos à repartição do mar, em que o Príncipe tem por sy, & para sy leva o partido certo, porque he a ventagem tambem certa. A coroa que

1. Reg. 20
v. 41.

que esperava este Principe, bizarro offercia a David. E na consideração de tal fineza, ambos chorão. O Principe, porque mais não tinha que dar a seu amigo. E porque choraria, & mais, este Pastor? He sabido o porque, & admirado tambem. He possivel [dizia entre solluços] he possivel, q̄ hey de ver meu amigo sem Coroa? Que eu reyne, Ionathas nam? Que a Coroa de Israel, & do mundo, nam ha de ornar a cabeça de tal Principe? Que se diga a David ha de, vivendo Ionathas, ser o primeiro? Que tal se presume de David? Que o meu coração teria ao meu amigo por segundo? Oh com quanta razaõ derramo lagrimas! Porque nam he Ionathas o menos venturoso, o mais desgraçado he David. Chore pois meu amigo, porque aceite eu suas finezas, que mais lagrimas me custa o crerelle, que eu as aceitasse. Chore Ionathas, porque eu seja o Rey, elle o subdito: que mais lagrimas me deve, porque eu fique Pastor, & seja elle Monarcha. Chore finalmente, porque se como amigo ama muito, como amigo eu nam só o amo, & o adoro, mas em abono de tudo choro mais: *David pronus in terram adoravit. Pariter fleverunt, David amplius.* Coroe Santo Aelredo finezas tam coroadas. *Cur igitur David Amplius? Præ. i. Reg. ubi dixerat nimirum Ionathas suum quodammodo defectum, amici profectum; se Regno privandum. David assumendum: idcirco lex amicitiae exigebat, ut ille compassione amici fletet injuriam.*

Que dizem a este animo os Senhores? Que: deste Pastor dizem os Principes? Pòdem darse no humilde bazarrias? Pòdem nellas sobrepujar aos grandes? Pòdem. Porque no Reyno dos animos, pòde o Senhor ser humilde, & pòde o humilde ser Senhor. Pòde o grande ser mais, & pòde o piqueno ser menos. Mas tambem pòde o triste ser tudo, & nada pòde ser o soberano. Ionathas foi Principe, & teve galhardo animo; & Pastor com animo admiravel foi David. Muitos forão Reys sem espirito nenhum, & com arden;

ardentes espiritos morreraõ muitos de fome. Muitos finalmente nascem grandes, & com alentos mayores; & pique-nos nascem muitos com espiritos mais vis que sua sorte. E tudo assim succede, porque he neste Reyno livre tudo.

Mas que dizem a esta amizade os homens do nosso tempo? Que dizem os que por quatro reis perdem quarenta amigos? Pois já nam terã escusa; já nam podem dizer he ignorancia. Quanto seja o valor de hum amigo verdadeiro, euído que claramente está mostrado. Bem sey porẽm, que nam são deste valor os que se perdem. Mas que delles se pôde fazer, tambem conheço. E assim aconselhã se sofresẽ os quarenta, & os mil, até que entre tanta pedra, se encontre o diamante. E se algum tiver a ventura de achãlo, imagine descubrio a Pedra Filosofal, que tudo obra. Assim com o seu amigo pôde fazer maravilhas. Se o tocar no sangue, verá logo, mais que irmão, que irmã, & mais que pays. Se nos bens da fortuna o tocar, acharã em sua casa a abundancia mayor, a riqueza mais segura, a sorte mais dezejada, a fortuna mais constante, & a dita mais ditosa. Oh acabem de desenganarse os homens! Oh abraõ os olhos os humanos! que nem as felicidades são ditas sem hum amigo; nem sem amigo às desgraças pôde resistir quem he humano! Creaõ he a amizade no mudo o mayor bem, & por isso he a sua falta o mayor mal.

O thesouro mayor que hum coração possui, são as lagrimas. Por isso a infinita divida de hum peccado, tem satisfação nesta riqueza. E por isso tambem fóra deste motivo, são perdidas. Sendo pois tam preciosas as lagrimas, achãõ digna occupação na falta de hum amigo. Este he o encarecimento mayor do preço da amizade: & este o valor q̄ deu o mesmo Deos a hum amigo. Duas vezes chorou Christo, Senhor Nosso, huma sobre o esquecimento da Cidade mais ingrata: *Videns Civitatem flevit, super illam.* Na morte de Lazaro foi outra: *Lacrymatys est.* Pois, Senhor, se as lagrimas

Luc. 19.

n. 41.

Ioann. II.

n. 35.

grimas nos destes para chorar os peccados, como agora nos dais este exemplo? Se só a perda eterna de hum Deos, de que he triste causa o peccado, he digno emprego de lagrimas, como com lagrimas mostrais o sentimento da morte de hum homem? O mesmo Senhor, deu por sua sagrada boca a razáo: *Lazarus amicus noster*. E se Lazaro era amigo de Christo, até Christo nos adverte, que choremos na morte do amigo. Porq' o amigo verdadeiro até do peccado nos aparta

Dous geroglificos da verdadeira amizade nos mostrou o Ceo, em Christo nesta occasião, & no Anjo que despertou Elias no deserto. Fazia Lazaro por morto figura do peccador, & a mesma fazia o Profeta por dormido. Não era o dormir peccado, mas tão pouco era tempo em Elias, nem officio. Vem o Anjo, & desperta: *Surge*. Tornou a pegar no sono: *Rursus obdormiuit*. E tornou a despertalo o amigo: *Et Angelus secundó tetigit, dicens, Surge*. Olá Profeta, 3. Reg. 19. n. 7.

Olá amigo, quem em serviço do Ceo tem que andar, quem de hũa Iesabel ha de fugir, inadvertido anda em descansar. E para esta occasião são os amigos. Desperta, comei, & caminha. A Christo succede o mesmo com Lazaro: *Lazarus amicus dormit*. Estava morto, & Christo diz que dormido. Mas de hũa, & outra sorte o peccador simbolizava. Ah fim? Pois vejão as palavras, que se seguem: *Vado ut à somno excitem*. Eu vou logo a despertalo. Logo vou a livralo até da representação de peccador. Amigo que assim não obra, nem com Christo se parece, nem com os Anjos. E quem assim o não quer, nam quer amigo. Lizongeiros busca, traidores apetece.

Pois se o amigo nos aparta dos peccados: peccados, & amigos são justos, & ajustados motivos para lagrimas. *Vera amicitia illa est* (dizia o Grande Padre Sam Jeronymo) & *Christi glutino copulata, quam non utilitas rei familiaris, non subdola, & palpans adulatio, sed Dei timor,* & *Divinarum*

D. Hier.
Epist. ad
Paulin.

Dei timor, & Divinarum Scri-

Scripturarum studia conciliant. E hum Gentio chegou a conhecer esta verdade. Persuadido Pericles por hum amigo, mas do tempo, que lhe abonasse certo crime: com colera respondeu: *Opus est me amicis commodare, sed usque ad aras.*

Aul. Gel.

in 1. No-

tiu Actie.

Como se dissera: Andai para nescio. Pois ainda não sabeis, que a primeira obrigação de hum amigo, he apartar seu amigo do peccado? Cara me achais de traidor? Andai embora. Digão os homens o que quizerem, & chamem a q' usão, amizade muito embora. Mas tenham entendido, que a que se não funda na virtude, he fingida; porque a verdadeira não conhece outro mobil que a razão: *Valida est, que est ex ratione dilectio.* Tem ainda outro lugar esta verdade, por isso passamos a diante tam depressa.

Clem.

Alex. lib.

2. Strom.

Mas que fundandose a amizade em tão firmes fundamentos, não faça assento no mundo? E que racionaes não busquem, quem busca, & se sustenta da razão? Ou he cegueira muy grande, ou desgraça he mayor. Huma, & outra cousa he o mais certo. Ora demos fim a este Discurso, com inquirir a razão; porque falta no mundo amizade. E porque elle mais do que eu queria, sabio largo; mais do que eu dezejava, será a resposta breve.

Tul. lib.

de Amic.

Disse Cicero, que depois da sabedoria, nenhũa cousa melhor que a amizade, deu o Ceo: *Excepta sapientiâ nihil melius est datum homini amicitia.* E se eu não fora tão depressa, armada estava aqui hãa questão. Sem remedio porém, porque nenhum terá nunca, ter por melhor, cada official a sua arte, cada Frade a sua Ordem, & a sua terra cada tonto. A arte do saber he excellente, & tão honrada no mundo, no mundo tão venturosa, que sabios, & ignorantes a applaudem. Estes, porque sem trabalho querem ventos; aquelles, porque vento fazem do trabalho. Mas todos por gozar a salutifera suavidade deste zephiro. Eu só digo, que a sciencia, que for boa, deve persuadir a amizade; porque a boa amizade persuadida está ja, que he sciencia. Nenhũa mayoria se conhece entre ellas; porque igualmente

mente do temor de Deos he justo premio ser amigo, & ser fabio. Se ha differença, será hũa: que vemos, & ouvimos *Ecclef. 6. & 1.* muitos fabios, & nenhum amigo: conhecemos. Amigo, quero dizer do mesmo pano, de que era bem fosse o fabio. Mostra tambem a amizade, que tem a sua sciência mais artigos; & queixase, que por isso tem menos graduados. Mas deixando estas preferencias, já poderei perguntar: Pois se o Ceo não deu cousa melhor que a amizade: como os homẽs sendo amigos de sy, para sy nam procuraõ tanto bem? Como tanta riqueza, tanta felicidade não trataõ de recolher em suas casaf? Quem levantou a questaõ, a diffinio. *Hoc sentio* (diz Cicero) *nisi in bonis amicitiam esse non posse.* Sou de parecer, [& acaba com elle o seu celebre Livro de Amicitia] que só entre bons a amizade se pôde conservar. Porque só entre elles he perfeita, diz Aristoteles: *Perfecta est bonorum amicitia, & secundum virtutem similium.* Quem quiser saber a altura, em que estaõ dous na amizade, averigue os graos da virtude quantos saõ. Porque ella he o instrumento, que lhe ha de mostrar, como navegaõ. E ella a base, direcção, & governo de amigos. *Amicitia primum quidem genus est, idque optimum, ac prestantissimum id, quod est ex virtute:* disse Clemente Alexandrino. E eu digo, que de taes permissas não pôde ser boa a consequencia. A amizade perfeita só se funda na virtude, só se acha entre bons: hoje esta amizade não se acha: tire alguẽm por mim a consequencia, que eu vou seguindo o discurso.

Se os mãos pois não podem ter amizade: que importaõ as firmas de amigos? Que val mayor amigo? Fino, & leal amigo de que serve? Se tantas amizades, conluyos podem fazer, mas não amigos. Quando à custa do innocente, que sempre assim succede, se congrassarão Herodes, & Pilatos, diz o Texto que se fizerão amigos: *Facti sunt amici Herodes, & Pilatus.* Mas quando a Glossa vay a declarãlo, não diz q foi amizade, mas concerto: *Fædus in occidendo Christu*

peperunt. Porque huã Iunta de mãos, a isto chega. Pòde quando muito ajuntarse, & não pòdem quando menos, nem unirse. Pòdem tramar hum conluyo, pòdem fazer hũ concerto: amizade porèm não pòdem ter: ser verdadeiros amigos, nem sonhar. E porque amigos os mãos não pòdem ser? Pelas mesmas capitulaçoens da amizade. Apontou a mais essencial Santo Ambrosio. Com affecto de amor, não de ja-
Etancia (diz o Santo Doutor) devem os amigos reprehenderse toda a acção que for illicita, toda acção que não for muy decorosa: *Objurget amicus amicum, non jactantiae studio, sed affectu Charitatis: &c.* Que dizeis, valeroso Santo, reprehender? Hei de estranhar ao amigo tudo o que for peccado? Tudo o que for vicio lhe hei de reprehender? Bem aviados estamos. Em tempo que se funda a amizade no cô-trario, quem seguir tal parecer, farà bons autos. No tempo de Santo Ambrosio isto faria amigos; hoje em hum instante deitaria a perder cem amizades. Mas porque entre as vos-sas amizades se não pratica esta regra, por isso são desregra-das, & a verdadeira, entre mãos nem conhecida.

E que successo terá a amizade, se dos contrahentes for hum bom, & outro máo? Tam pouco pòde durar. *Quid ergo opus est mihi amicitia tua, si quod rogo non facis?* dizia no nosso caso hum máo a hum bom amigo. De que me serve a tua amizade, se não ha de servir no que eu quero? E respon-deulhe o bom: *Imo quid mihi tua, si propter te aliquid inhoneste facturum sum?* E de que me serve a tua amizade, se por ti hei de obrar cousa não licita? E logo se despedirão. Se os máos se não despedem, he porque não ha na sua amiza-de taes repáros. Logo se ambos he força, que sejaõ justos: onde lustos ouver não faltarã cazamentos, & onde fal-tarem lustos, a amizade faltarã, não amizades.

Mas dirá qualquer amigo do tempo: Conheço a gran-de razão, de que na razão se funde a amizade. E q he mui-to justo seja usque ad aras o amigo. Mas he rigoroso proceder,

D. Ambr.
lib. 3. de
offic.

Refert
Publ.
Rutil.

der, que hum dia não haja o amigo de servir? Tem razão. E mais tivera, se se declarára mais. Distingamos o servir, para poder responder. Se esse servir he para bem, o amigo vos servirá ainda no mayor mal. Em todo tempo, em todo caso, & em todas as occurrências prestará para servirvos o amigo: *Synceræ fidei amici precipue in adversis rebus cognoscuntur.*

Valer.
Max.
lib. 4.

E senão falta, nem nos mayores trabalhos, como se negará a teu prazer? Se na adversidade te não larga, bem manifesta o constante dezejo de servirte. *Quidquid in adversitatibus præstat, totum à constanti benevolentia proficiscitur.* Mas se injusto he esse servir, se ha de por servirte a ti, faltar a Deos: deenganate, que com elle o não ha de desculpar a amizade. Nem ainda para o mundo, he escusa do peccado o amigo: *Nulla est excusatio peccati, si amicitia peccaveris.*

Valer.
Max.
lib. 4.

Pois de que me ha de servir este amigo? Já he essa outra pergunta. Ouve para que o deves buscar, & que prestimo he o do amigo. O amigo, se o ouveres mister, te dará sua fazenda. E isto sem os cumprimentos com que o mundo a nega: *Bonos viros decet commodos esse, idest, ut communicent*

Tul. de
amicit.

amicis indigentibus felicitatem suam, & divitias. E isto não só he certo, mas com tanta presteza executado, que a dilacão de hum dia não sofre a boa amizade. Assim o declarou, & assim o advertio o mesmo Deos: *Ne dicas amico tuo, Vade, & revertere: Cras enim dabo tibi, cum statim possis dare.* O amigo he para te alentar as virtudes, suavizar infortunios, & divertir as tristezas: *Amicitia propria suavitate virtutes alias condit, adversa temperat, tristiaque jocundat.* O amigo he para te descubrir seu peito, & saber o teu secreto: *Nihil occultat amicus, si verus est.* Qual dos dous faltar a isto, a tudo fal-

Plat. in
Thim.

Proverb.
3. n. 28.

Cassiod.
lib. de
amicit.

ta. Porque quem algũa cousa reserva do amigo, ainda não conhece a obrigação da amizade: *Si aliquem amicum existimas, cui non tantum credis, quantum tibi, vehementer erras, & non satis nosti vim veræ amicitie.* E seria esta a razão, por que Christo, Senhor nosso, verdadeiro exemplar de amiza-

D. Ambr.
lib. de
offic.

Senec.
lib. 1.

Epist. 34

de,

de, em descubriendo a seus Discipulos seus segredos, logo lhes declarou não eraõ servos, mas amigos: *Tam non dicam vos servos, sed amicos.* O amigo he para se não apartar nunca do teu lado. Porque tanto de communicar-se gostão os amigos, que he este o superlativo de seus gostos: *Amicis eligibilissimum est convivere.* O amigo finalmente para seu amigo será tudo. E repára, que se no nada da fingida amizade, se ve [dá:] no tudo da verdadeira está (do.) Com que em nada, & em tudo ay do, das. Mas com esta differença bem contraria, do que no primeiro Discurso advertimos. Que no, tudo, a primeira dicção declara a segunda. Dá, que he muita razão, ao amigo. Porque por ser verdadeiro, não deve estar de peor condição, que o fingido. Mas sabe, que elle não dezeja o teu dinheiro, a ti, & o teu coração, he o que busca. *Tu, non tua,* he que pertende. Se hum diz: *do*: responde o outro: *tu*. E daqui se chama tudo o Amigo; porq̃ no coração possui tudo.

De todos estes sinaes já poderàs conhecer, não só para que serve o amigo, mas porque amigos hoje se não achão. Agora dâ-me licença, para que acabe com dizerte: Se o amigo não só serve para o mundo, mas para o Ceo também serve: *Beatus qui invenit amicum verum*: Cale todo esse mundo, cale toda a razaõ de parentesco, cale a força desse sangue: cale bens, felicidades, riquezas, lugares, & privanças, tudo cale: porque tudo isso será nada, & o amigo sempre será tudo. Tudo por leal amigo, quando o outro he nada por fingido. Mas porque a injustiça do mundo nam dà melhor titulo ao verdadeiro, do que goza o que he falso: por isso no mesmo mundo,

Nada, & tudo diz, quem diz Amigo.

LAVS DEO.



LICENÇAS.

Vistas as informações, pòdemse imprimir os Discursos, & Sermaõ, de que nesta petição se faz mençam : & depois de impressos, tornarãm para se conferir , & dar licença que corraõ, & sem ella naõ correrãm. Lisboa 9. de Janeiro de 1685.

*Manoel Pimentel de Sousa. Manoel de Moura Manoel.
Ieronymo Soares. Ioão da Costa Pimenta.
Bento de Beja de Noronha.*

Podemse imprimir o Sermaõ, & dous Discursos, de q se faz mençaõ na petição : & depois tornarãm para se conferirem, & se dar licença para correrem, & sem ella naõ correrãm. Lisboa 12. de Janeiro de 1685.

Serrão.

Que se possa imprimir, vistas as licenças do Santo Officio, & Ordinario : & depois de impresso tornarà a esta Mesa, para se conferir, & taixar, & sem isso naõ correrã. Lisboa 23. de Janeiro de 1685.

Lamprea. Marchão. Azevedo.



LICENCAS

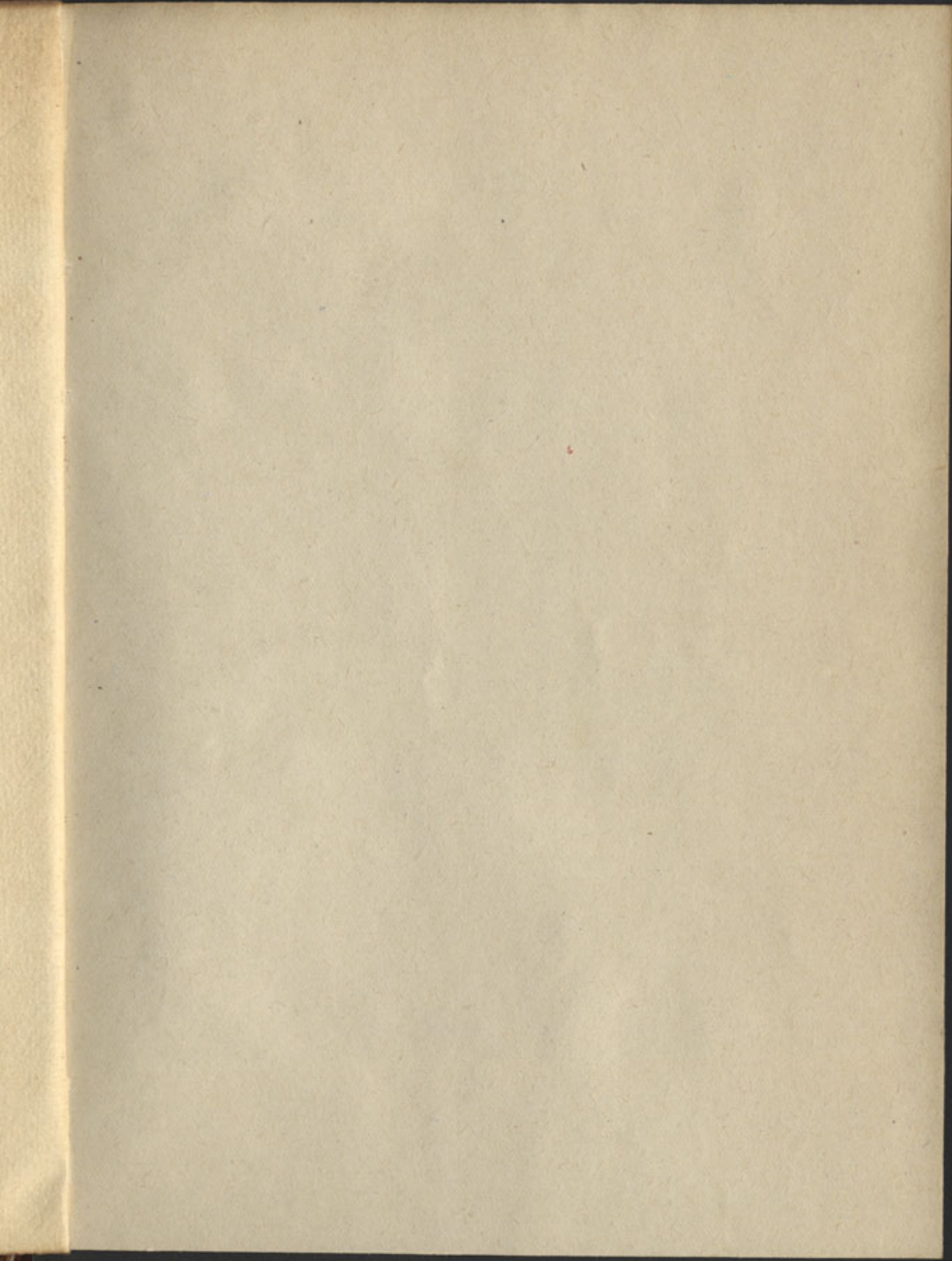
Vestas e impressões, e de mais invenções os Direitos
do Sr. Rey e de mais de que nella se trata mençam
e depois de impressões, e de mais de que nella se trata
contra o direito, e em effeito contra. Lisboa 9 de
Junho de 1587.

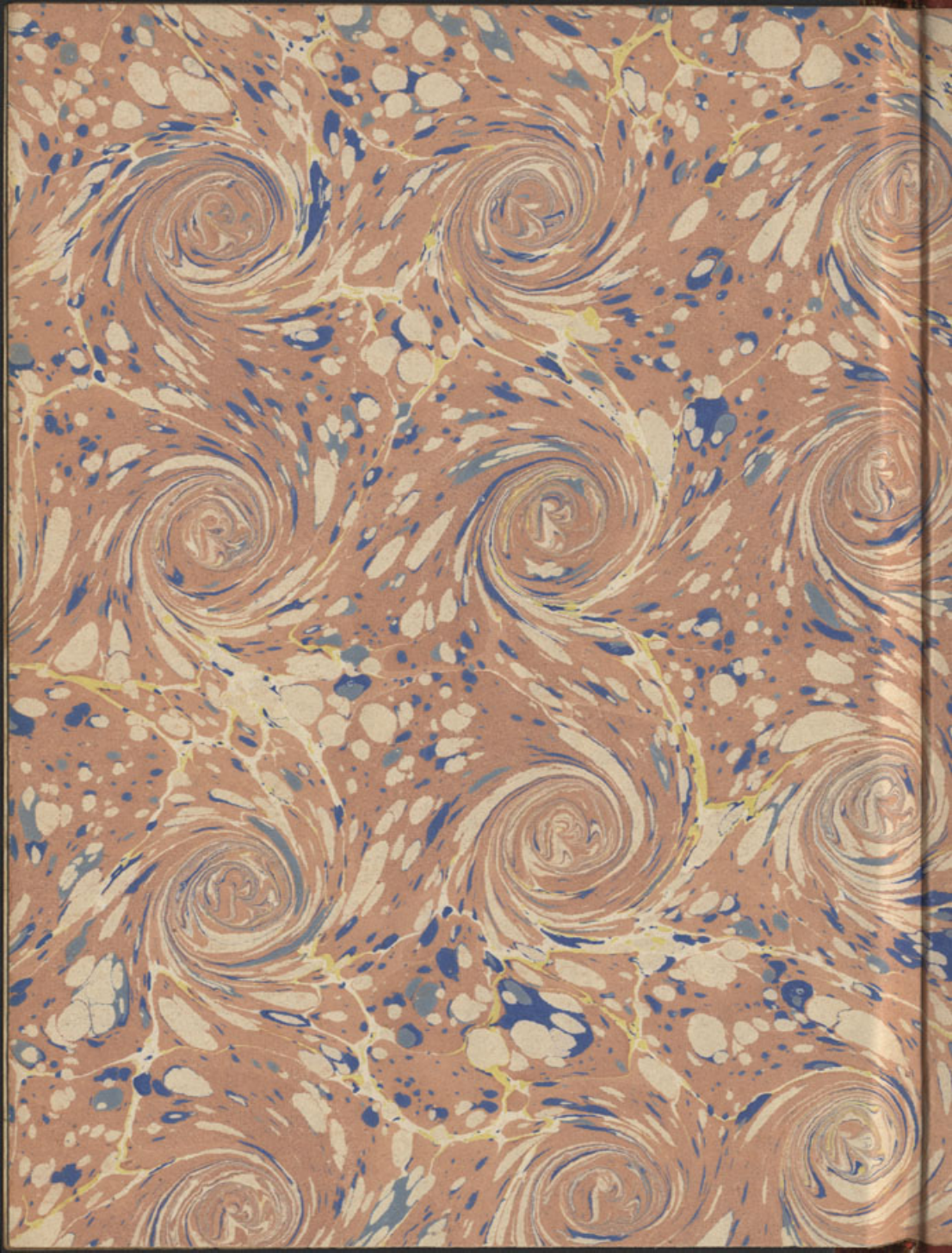
Mestre Pederro de Sousa. Mestre de Moraes de Moraes.
Antonio de Moraes. João de Costa. Pederro de Moraes.
Estado de Beza de Moraes.

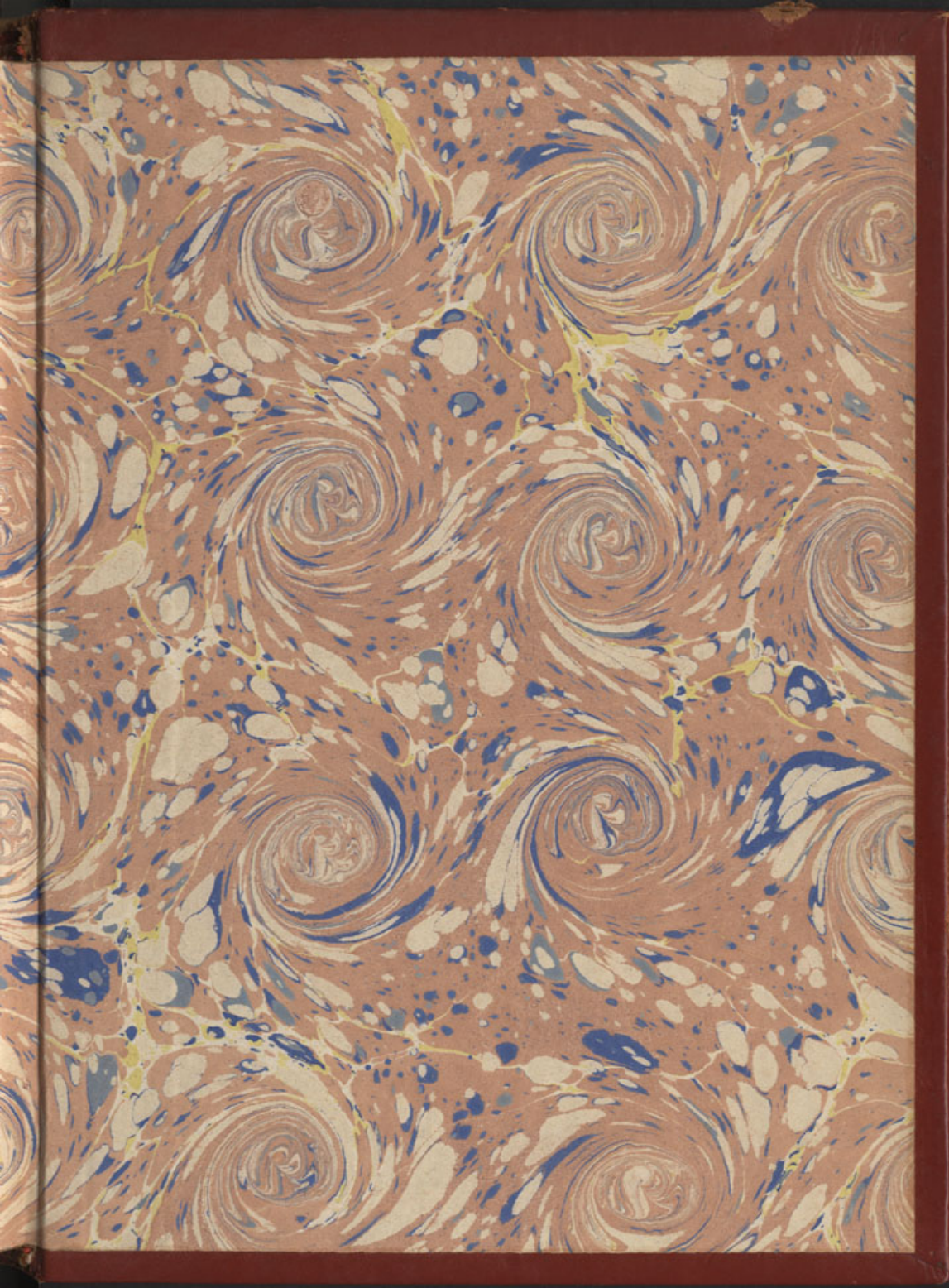
Poderão imprimir e vender, e de mais de que nella se trata
faz menção na petição: e depois de impressões e de mais de que nella se trata
contra o direito, e em effeito contra. Lisboa 11 de Janeiro de 1587.

O Velos de impressões, e de mais de que nella se trata
do Sr. Rey e de mais de que nella se trata mençam
e depois de impressões, e de mais de que nella se trata
contra o direito, e em effeito contra. Lisboa 13 de Janeiro de 1587.

Luzes. Moraes. Moraes.









elze



SIRMAN
CONTRA A
IDOLATRIA
DO ORIENTE
PELO P.^o
M. PEREYR.



AUTO
DA FÉ



GOA



1679

